



## PORTFÓLIOS: MAIS UM MODISMO NA EDUCAÇÃO?

Eliane de Fátima Vieira Tinoco<sup>1</sup>

Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Brasil

### Resumo

O presente ensaio foi produzido a partir de uma inquietação produzida por alguns relatos de professores e alunos sobre o que estavam produzindo como sendo portfólios. O que são portfólios? Como eles vêm sendo apropriados pelos professores nos diversos níveis de ensino? Como se avalia por meio desse instrumento? Esses questionamentos foram realizados por professores em diferentes turmas de formação continuada com as quais trabalhei nos últimos anos. Com base principalmente em Fernando Hernandez, o texto é construído apresentando o portfólio como um instrumento que possibilita constante reflexão, sendo que aluno e professor poderão visualizar os documentos tendo em mente os objetivos e os critérios anteriormente acordados, dialogando com as soluções e os problemas que forem surgindo, a partir das tarefas solicitadas. O objetivo é contribuir para a compreensão desse instrumento de avaliação, que vem sendo muito comentado no interior das escolas, mas sobre o qual as práticas estão incoerentes. Apresentando o conceito, os elementos que compõem um portfólio e a forma de avaliá-lo, espero fornecer subsídios para a melhor utilização desse instrumento por professores e alunos nos diversos níveis de ensino. No entanto, acredito que para uma correta interpretação dos modos de se trabalhar com o portfólio, o investimento em formação continuada precisa ser contínuo para que a educação não fique à mercê de interpretações de segunda mão. É por meio da formação continuada que cada professor pode, por sua vontade e persistência, se transformar em pesquisador, com uma forte base conceitual, capaz de mudar, inclusive, sua postura política.

**Palavras-chave:** Portfólio; Ensino; Avaliação.

## PORTFOLIO: ANOTHER FAD IN EDUCATION?

### Abstract

What are portfolios? How have they been taken by teachers in the various school levels? How can we use that instrument for evaluations? These questions were made by teachers in different groups of continuing studies with

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, com graduação em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas, ambos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora de Artes da Rede Pública Municipal de Uberlândia, cargo que está cedido à UFU, onde atua como coordenadora do Pólo UFU da Rede Arte na Escola. Professora formadora da Rede Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. Membro dos grupos NUPEA (Núcleo de Pesquisa em Ensino de Arte) e GEPAE (Grupo de Pesquisa em Avaliação Educacional) ambos na UFU.



which I have worked in recent years. Some reports of teachers and students about what they were producing as portfolios have brought some concerns that have generated this essay. Based largely on Fernando Hernandez, the work presents a portfolio as an instrument that allows a continuing reflection, as students and teachers can view documents having in mind the objective and criteria previously agreed, in a dialogue with the solutions and problems emerged from the tasks requested. The objective is to contribute to the understanding of this evaluation instrument that has been widely reported within the schools, but about which practices are inconsistent. Introducing the concept, the elements that make up a portfolio and how to evaluate it, I hope to provide information for better use of this instrument by teachers and students at different educational levels. However, I believe that for a correct interpretation of the ways to work with the portfolio, investment in continuing education must be continuous to ensure that education is not at the mercy of second-hand interpretations. It is through continuing education that every teacher can, by his/her will and persistence, become a researcher with a strong conceptual basis, and even be able to change his/her political stance.

**Keywords:** Portfolio; teaching; evaluation.

## PORTFÓLIOS: MAIS UM MODISMO NA EDUCAÇÃO?

### Introdução

Uma preocupação tem tomado um bom espaço de meus pensamentos nos últimos anos: o que se tem feito e chamado de portfólios, da Educação Infantil ao Ensino Superior. Para a redação desse ensaio pesquisei fontes bibliográficas, busquei amparo na pesquisa qualitativa realizada para a obtenção do grau de mestre, e na observação atenta, acompanhada de anotações, em cursos de formação continuada que ministrei. Desse modo, a construção do texto mescla conceitos e teorias consultados, principalmente, no livro *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho* de Fernando Hernandez, às vivências pessoais no campo da educação. Por esse motivo, a opção pela escrita na primeira pessoa do singular.

Ao revisitar as páginas do livro de Hernandez, percebo que a preocupação acima descrita, não está circunscrita a um espaço geográfico ou a esse tempo. Para ele, desde a década de 1980 educadores em várias partes do mundo têm se debruçado sobre o assunto e,

No campo da educação, é frequente descontextualizar as propostas e apropriar-se dos instrumentos. O caso do portfólio não teria porque ser diferente. Em relação a essa contribuição de propagação dessa modalidade de avaliação, queremos fazer notar que a utilização dessa estratégia requer ou se apoia numa concepção de ensino e de aprendizagem diferente da que costuma ser praticada habitualmente entre nós (HERNANDEZ, 2000, p. 164).



Pensando então nesse instrumento de avaliação que demanda um repensar sobre todo o processo educacional, mas que vem sendo apropriado de forma inadequada em algumas circunstâncias, é que passo a narrar as situações que levaram à escrita desse ensaio.

Tal preocupação teve início durante o processo de pesquisa para a construção da dissertação de mestrado: *Avaliação em Artes: Saberes e Práticas Educativas de Professores no Ensino Fundamental*, defendida no ano de 2010 na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. No entanto, com o constante trabalho em formação continuada de professores, essa inquietação vem aumentando consideravelmente.

No ano de 2008, dando início à pesquisa para o mestrado, ao apresentar a temática do portfólio para o grupo de professores de Artes Visuais, que participa das reuniões de formação continuada no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais – Julieta Diniz (CEMEPE), em Uberlândia – MG, houve um grande interesse pelo assunto, mas percebi alguns equívocos nas falas dos professores. Apesar de ser um instrumento oriundo do campo das Artes Visuais e Arquitetura, com os quais os professores já tinham trabalhado durante o período de graduação, a forma de avaliá-lo não era muito clara, pois na graduação esse instrumento se configurava pelo viés artístico e não pedagógico.

Naquele momento, os únicos portfólios que eu tinha para mostrar como exemplo eram portfólios coletivos, realizados pelos professores, que foram folheados e discutidos, mas não entramos especificamente nas avaliações possíveis por meio desse instrumento, por respeito ao cronograma anual das reuniões de formação continuada que previa outros assuntos. Desse modo, ainda incomodada, dei prosseguimento à pesquisa.

No ano seguinte tive contato com algumas pessoas que cursavam graduação em um curso semipresencial e eles contaram que uma das formas de avaliação seria por meio de portfólios. Perguntei como seriam realizados tais portfólios e eles responderam que era só construir textos a partir das perguntas realizadas via portal, imprimir e entregar encadernado para o tutor presencial.

Em 2010 alguns professores de Artes, que trabalhavam na Educação Infantil, vieram procurar-me contando que a avaliação nesse nível de ensino da Rede Municipal da cidade de Uberlândia – MG seria por meio de portfólios. Como era início de ano estavam todos ansiosos por poderem contribuir, uma vez que já estavam acostumados a construir portfólios em suas práticas artísticas. Após alguns meses começaram a primeiras reclamações sobre as quais não vou discorrer.

Ao final do ano, ao visitar uma mostra de portfólios das escolas de Educação Infantil, durante a reunião de encerramento da formação continuada para os professores e gestores desse nível de ensino no CEMEPE, percebi que havia vários formatos desse instrumento, realizados pelo professor, contendo páginas e páginas de exercícios realizados pelos alunos, em sua maioria fotocopiada, e que a exposição tinha se tornado uma competição de tamanho e de beleza de portfólios.



Durante os cursos da área de avaliação na Rede de Formação de Professores da Educação Básica, em abril e maio de 2011, projeto da Universidade Federal de Uberlândia, financiado pelo MEC, duas falas inquietaram-me ainda mais. A primeira foi de uma professora que perguntou: “- Como se faz um portfólio? A supervisora me disse que eu preciso fazer o portfólio e eu perguntei a ela como fazia. Então ela fechou a cara e respondeu: - Você não sabe? E saiu. Acho que ela também não sabe.” Antes que eu pudesse responder outra professora atalhou: “- Nossa! Na graduação eu fazia portfólios a cada quinze dias. Mas eu não sei se é daquele jeito mesmo.” Replanejei o curso para atender a essas demandas.

Duas falas de professoras e duas dúvidas. A primeira confessa não saber, não conhecer, mas duvida que a supervisora realmente saiba. A segunda, apesar de dizer que construiu vários portfólios, duvida de seu formato. Essas falas novamente confirmam a citação de Hernandez no início do texto sobre a descontextualização de propostas e conceitos no campo da educação.

Em meio a tudo isso, em conversa informal com a coordenadora da área de Arte no CEMEPE, ela relatou que, em uma das reuniões do período da manhã no início de 2011, alguns professores disseram que utilizam o caderno de Arte como portfólio. Em anos anteriores, em momentos de formação continuada, quando o assunto avaliação era focado, por várias vezes eu mesma relatava que avaliava meus alunos por meio do caderno de desenho, pedindo que percebessem o que havia modificado em suas produções. Continuo acreditando nessa estratégia como uma das possibilidades de se avaliar em Artes Visuais. No entanto, o caderno da disciplina por si só, não pode ser considerado como portfólio.

A partir dessas situações vivenciadas é que resolvi construir esse texto com o intuito de auxiliar os professores na concepção e construção de portfólios como instrumentos de avaliação.

### **Portfólios: conceito e formatos**

Acredito na avaliação como um processo investigativo no qual o professor, juntamente com seus alunos, considera o que foi produtivo e o que ficou a desejar no processo de ensino e aprendizagem, numa dinâmica de ir e vir constantes. Acredito também que ela inclui reflexão, compromisso e ação para que, a partir da investigação, o professor possa redefinir os rumos de sua prática educacional. Essa modalidade de avaliação é denominada por vários autores de avaliação formativa (ALVES, 2004; BOUGHTON, 2005; EARL; RYAN, 2001; ESTEBAM, 2003; GERALDI, 2003; HARGREAVES; HADJI, 2001; HERNANDEZ, 2000; PARO, 2001; PERRENOUD, 1999; VASCONCELLOS, 2003; ZIMMERMAN, 2005).

Ao entender a avaliação como parte do processo de ensinar e não apenas como averiguação do que foi aprendido, o professor torna-se cada vez mais apto a questionar os caminhos que percorre e a auxiliar seus alunos em suas dificuldades individuais ou coletivas.



É nesse sentido de avaliação como processo, e não como produto, que o portfólio aparece como um instrumento privilegiado na função de apresentar como transcorreu a construção dos saberes pelos alunos. Para Fernandes (2009, p. 102),

O portfólio é uma coleção organizada e devidamente planejada de trabalhos produzidos por um aluno durante um certo período de tempo. Sua organização deve ser tal que permita uma visão tão ampla, tão detalhada e tão profunda quanto possível das aprendizagens conseguidas pelos alunos.

Há um universo de possibilidades de formatações para um portfólio, podendo ser uma pasta, um *CD-ROM*, uma bolsa, um álbum, uma caixa, etc., em que o aluno guarda de forma organizada suas produções e reflexões a respeito das mesmas ao longo de um determinado período. Hernandez (2000) denomina o formato final de um portfólio como o *continente*, onde estão presentes os textos, as imagens, os trabalhos teóricos, os trabalhos práticos, os questionamentos, as prováveis respostas, e outros tipos de registros pessoais, como os relatórios individuais e as autoavaliações, construídos pelos alunos a partir das proposições do professor.

Apesar das argumentações desse autor sobre a importância dos portfólios serem individuais e construídos pelos alunos, temos visto que na prática há também a elaboração de portfólios coletivos, realizados pelos professores, com o objetivo de apresentar o resultado de sua ação pedagógica em determinado período ou projeto de ensino. O que não se justifica é a prática, principalmente na Educação Infantil, da construção de portfólios individuais pelo professor, serviço realizado, na maioria das vezes, em casa, longe dos alunos<sup>2</sup>. Espero que as razões fiquem claras no decorrer do texto.

É preciso entender que o portfólio é um instrumento que possibilita constante reflexão, sendo que aluno e professor poderão visualizar os documentos tendo em mente os objetivos e os critérios anteriormente acordados, dialogando com as soluções e os problemas que forem surgindo a partir das tarefas solicitadas. Tal diálogo proporcionará lembrar todo o processo e programar ou planejar as ações futuras (HERNANDEZ, 2000). Os alunos precisam compreender o motivo pelo qual estão construindo portfólios e os critérios pelos quais serão avaliados. As perguntas *por quê?*, *o quê?* e *como?* devem ser respondidas pelo professor no momento da proposição inicial e serem lembradas por várias vezes durante o processo de ensino-aprendizagem.

Embora seja um instrumento que surgiu no campo das Artes Visuais e Arquitetura, pois há séculos,

---

<sup>2</sup> A prof. Dra. Maria Cristina Cristo Parente da Universidade do Minho em Portugal tem uma pesquisa sobre a confecção de portfólios na Educação Infantil. PARENTE, Maria Cristina Cristo. Um processo de reconstrução da avaliação na educação escolar. In: PILLOTTO, Sílvia S. D.; ALVES, Maria Palmira C. **Avaliação em Educação: questões, tendências, modelos**. Joinville: Editora Univille, 2009.

Arquitetos, designers e artistas selecionam e ordenam mostras de sua trajetória profissional para poder apresentá-las num suporte físico (o portfólio), de maneira que o destinatário (um cliente, um dono de galeria, um examinador) possa apreciar os momentos mais significativos de seu percurso, ao mesmo tempo que adquira uma visão global do mesmo (HERNANDEZ, 2000, p. 165).

o portfólio vem sendo apropriado por professores de outras disciplinas, em todos os níveis da educação. Para Hargreaves; Earl e Ryan (2001), o portfólio deve conter os sucessos dos alunos para que eles possam apresentá-los aos professores, aos colegas, à equipe pedagógica, e aos pais, sendo um registro significativo das experiências em que o aluno alcançou êxito.

No entanto, Hernandez (2000) considera que o portfólio possa conter os problemas encontrados pelos alunos e as anotações sobre o que dificulta ou permite continuar aprendendo. Arslan e Lavelberg (2009) também não estão de acordo com a ideia de que o portfólio tenha apenas os sucessos ou as experiências de êxito. Segundo elas, o portfólio dos alunos pode apresentar também as dificuldades que eles enfrentaram e anotações do que ainda não resolveram<sup>3</sup>.

Ao negociar a confecção de portfólios com os alunos, o professor deve esclarecer que esse documento precisa apresentar as “[...] evidências do conhecimento que foram sendo construídas, as estratégias utilizadas para aprender e a disposição de quem o elabora para continuar aprendendo” (HERNANDEZ, 2000, p. 166). Por esse motivo ele não pode ser considerado um instrumento pronto e acabado, estático, que foi realizado e depois vai para um armário. Ele deve ser consultado como fonte de dados, como documento de percurso e estratégia de continuidade.

### Elementos que compõem um portfólio

Como já disse anteriormente, ao propor a confecção de portfólios, que deve acontecer sempre no início de um ano, semestre ou até projeto pedagógico, o professor precisa esclarecer a finalidade, o propósito dessa ação. O aluno precisa saber o que colocar e como colocar as informações em seu *continente*.

Com base nos estudos de Collins (1991), Hernandez (2000) apresenta os elementos que podem compor um portfólio. Segundo ele esses elementos são:

**Artefatos** – atividades realizadas em sala de aula ou “por sugestão dos docentes”. Como o portfólio é um instrumento por excelência interdisciplinar e de posse do aluno, esses artefatos podem ser produzidos em

---

<sup>3</sup> É necessário especificar que não concordo com a divisão feita por vários autores (Rolheiser, Bower e Stevahn (2000); Shores e Grace (2001); Ramires (2008) quanto à produção de tipos diferentes de portfólios, pois, se já é difícil para professores e alunos a organização de um único portfólio, o que dizer de dois ou três? Tais autores compreendem que é preciso ter um portfólio de processo e outro com os melhores produtos.



qualquer das disciplinas que ele frequenta, desde que o assunto seja o mesmo, ou tenha alguma relação de proximidade.

**Reproduções** – documentos recolhidos extra-sala como entrevistas, anotações de visitas a exposições, pesquisas na internet, etc. As reproduções podem ter sido encomendadas pelo professor ou surgirem em momentos de viagem em família, visita a um parente, brincadeiras com colegas. Tudo dependerá do grau de comprometimento com a aprendizagem do assunto que professor e alunos tiverem construído. Quanto mais significativo for, mais comprometimento haverá.

**Atestados** – são comentários que outras pessoas fizeram sobre o trabalho. O aluno poderá mostrar um dos trabalhos realizados ou mesmo o portfólio em processo de construção para outros professores, familiares, gestores, e pedir que escrevam comentários sobre o assunto em pauta ou sobre a própria confecção do material.

**Produções** – são os documentos que farão a organização e darão forma ao portfólio. Para cada artefato, reprodução ou atestado o aluno precisa fazer um cabeçalho que indique a origem e a relevância dele no portfólio e as anotações que descrevem *o que é, por que é, e de que é* evidência de aprendizagem aquele documento. Esses documentos também precisam ser acompanhados de reflexões, que podem ser anexadas durante a execução do portfólio ou após a análise pelos colegas e professores, pois esse instrumento pode ser considerado provisório, não precisa ser dado como pronto e acabado.

As reproduções e os atestados podem ser dispensáveis, dependendo do trabalho a ser realizado, mas os artefatos e as produções são imprescindíveis. Gostaria de acrescentar mais dois itens que, em minha opinião, são necessários na organização de portfólios:

**Imagens** – que podem ser fotos, ilustrações de livros, desenhos realizados pelos alunos e podem estar relacionadas a qualquer um dos itens listados acima. No caso de portfólios em *CD-ROM*, podem ser filmagens ou edições de fotos em programas específicos. Vivemos em um mundo de imagens e nossa aprendizagem se dá muitas vezes por ela. As imagens colocadas em um portfólio podem ser ilustrativas ao assunto ou podem ser consideradas como texto imagético. Elas também dão beleza e fluidez ao portfólio.

**Apresentação** – esse item está presente no texto de Hernandez, mas apresenta-se solto em meio a outras informações. Em minha opinião, devido à quantidade de informações deturpadas que correm sobre o assunto, é preciso que seja um item especificado. Na apresentação estão compreendidos a capa e o modo de organização, de configuração, de cada página. O aluno precisa pensar a melhor forma de disposição de cada um dos documentos e imagens em seu portfólio.

Desse modo, o portfólio não é apenas um amontoado de textos ou de imagens sem uma organização que os valorize, que convide ao olhar. Construir textos em resposta a questionários e encaderná-los, não pode ser considerado como portfólio, como também não se pode chamar de portfólios uma pasta plástica que apenas guarda exercícios. É necessário que a



construção desse instrumento seja planejada, tanto pelo professor quanto pelos alunos.

Em se tratando de portfólios coletivos, confeccionados pelo professor com o objetivo de documentar a sua prática pedagógica, ele deve observar a existência desses itens. Do mesmo modo que o portfólio dos alunos, é preciso que o professor, ao se dispor a construir esse documento da turma, comece a colecionar os documentos que considerar importantes desde o início da trajetória. Mesmo que alguns sejam descartados, e devolvidos aos alunos, o professor não pode correr o risco de deixar para recolher os documentos ao final do percurso, pois, muita coisa poderá ter se perdido.

Sendo um instrumento que favorece a reflexão durante e após o processo de aprendizagem, que permite a organização de uma memória desse processo, e que possibilita a revisão dos erros e acertos, qual seria a motivação para o professor da Educação Infantil realizar um portfólio para cada aluno? Mostrar aos pais que está por dentro das inovações pedagógicas? Relembrar aos alunos, que ainda não foram alfabetizados, o que eles aprenderam? Dizer aos gestores que está trabalhando muito?

Segundo Parente (2009) os alunos da Educação Infantil podem ser motivados a construir seus portfólios e, sua independência do professor nessa organização será gradativa, ou seja, nesse nível de ensino o professor poderá iniciar o processo juntamente com os alunos e aos poucos permitir que eles façam a seleção e organização dos documentos a serem colocados. A apresentação é que dependerá de uma maior influência do professor.

### **Avaliando o portfólio**

Com o término da construção do portfólio, lembrando que isso pode ser provisório, pois dependendo do formato, da atribuição, das negociações desse instrumento, e do interesse da turma, pode-se continuar a sua confecção em outro tempo letivo, como proceder a sua avaliação?

Em primeiro lugar, respeitando as negociações iniciais entre professor e alunos sobre os documentos que fariam parte, e esclarecidos os seus propósitos, pode-se realizar em sala de aula uma lista dos critérios que foram acordados. Segundo Fernandes (2009, p. 90):

É preciso perceber-se que nem tudo tem a mesma importância. Ou seja, é preciso que se diferencie o essencial do acessório, identificando os saberes, os conceitos e os procedimentos que são verdadeiramente estruturantes (aqueles que nenhum aluno deve deixar de trabalhar e aprender, pois ajudam a estruturar áreas de saber e a estabelecer ligações com outras áreas) e, naturalmente, prever tarefas que reflitam aquela distinção.

É necessário ainda enfatizar que o portfólio é um instrumento que pode ser utilizado por professores e alunos simultaneamente e não se justifica a sua utilização para a avaliação apenas pelo professor. No caso de professores de Arte, ou de outras disciplinas em que o número de aulas em





cada sala é restrito a uma ou duas por semana, o que faz com que cada professor tenha um número elevado de alunos, a avaliação de portfólios somente pelo professor seria um trabalho excessivo. Na pesquisa sobre avaliação no ensino de arte para obtenção do grau de mestre, os professores relataram que não se dispunham a construir portfólios com os alunos, entre outros motivos, por conta do imenso trabalho que teriam para avaliá-los.

Como exemplo, descrevemos abaixo uma das possibilidades para a avaliação dos portfólios.

O professor, após a realização da lista de critérios, que pode estar no quadro, em uma folha de papel ou no computador, pode solicitar que os alunos formem grupos de visualização e análise dos portfólios. Para evitar confusões e resistências, cada grupo de alunos ficará com os portfólios de outro grupo e fará anotações em uma página em separado, apenas daquilo que for consenso no grupo.

Após as análises e discussões, o professor pode devolver os portfólios aos seus proprietários, acompanhados das folhas que foram confeccionadas pelos colegas, e pedir que escrevam o que concordam e o que não concordam do que foi avaliado. Depois desta movimentação é que o professor poderá recolher todos os portfólios e as folhas de análise, para a sua avaliação.

A lista de critérios deverá acompanhar também a avaliação do professor, para que não haja discrepâncias nessas avaliações, pois esse tipo de instrumento permite que o professor avalie de forma diferente cada um dos alunos. Com o tempo o professor dará autonomia aos alunos e não precisará mais recolher todos os portfólios, apenas alguns para o acompanhamento das avaliações realizadas.

Percebe-se que para esse tipo de ação é preciso certa maturidade dos alunos, no entanto, se o professor não iniciar essa proposição por pensar que seus alunos são imaturos, quando eles alcançarão a maturidade pretendida? Desse modo, a avaliação por meio de portfólios pode ser iniciada na Educação Infantil.

## **Em conclusão**

Apesar do grande número de publicações sobre esse assunto e diante da quantidade de equívocos aqui relatados, percebo que a leitura e a pesquisa ainda não são uma constante na vida dos professores. Sei de todas as dificuldades políticas, financeiras, e de constituição profissional por que passa a maioria dos professores em nosso país porque faço parte dessa realidade, sou professora da Rede Pública Municipal de Uberlândia - MG.

O problema é que, quanto menos informado for o professor mais facilmente será manipulado e vítima de assuntos descontextualizados que chegam à escola, com informações incompletas e para serem realizados de imediato. Tais assuntos viram modismo nos discursos e, muitas vezes, equívocos nas práticas. A avaliação por meio de portfólios não é o único assunto que, no momento, está sendo desvirtuado nas práticas escolares. O



que dizer dos ciclos de aprendizagem? Da progressão automática? Das interpretações sobre as avaliações sistêmicas?

O investimento em formação continuada precisa ser fomentado pelo Estado e incentivado aos professores para que a educação não fique à mercê de interpretações de segunda mão. É por meio da formação continuada que cada professor pode, por sua vontade e persistência, se transformar em pesquisador, com uma forte base conceitual, capaz de mudar inclusive sua postura política.

O portfólio é um dos instrumentos possíveis para a realização de avaliações formativas. Precisa ter seu uso contextualizado a uma série de práticas educacionais que pensam a avaliação como um meio e não como um fim. A sua utilização de forma inadequada pode contribuir para a abolição desse instrumento das salas de aula, antes mesmo que haja a compreensão sobre o seu uso e sobre as contribuições que pode trazer.

## Referências

ALVES, Maria Palmira Carlos. **Currículo e Avaliação** - Uma perspectiva integrada. Porto, Portugal: Porto Editora, 2004.

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de Arte**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

BOUGHTON, Doug. Avaliação: da teoria à prática. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

COLLINS, A. Portfolios for biology teacher assessment. **Journal of Personnel Evaluation in Education**, 5. 1991.

ESTEBAN, Maria Teresa. (org) **Avaliação uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GERALDI, Corinta Maria Grisolia. A cartilha Caminho Suave não morreu: MEC lança sua edição revista e adaptada aos moldes neoliberais. In: ESTEBAN, Maria Teresa. (org) **Avaliação uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**/Charles Hadji; trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

HARGREAVES, Andy; EARL, Lorna; RYAN, Jim. **Educação para a mudança: recriando a escola para adolescentes**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.



HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Trad. Jussara H. Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PARENTE, Maria Cristina Cristo. Um processo de reconstrução da avaliação na educação escolar. In: PILLOTTO, Sílvia S. D.; ALVES, Maria Palmira C. **Avaliação em Educação: questões, tendências, modelos**. Joinville: Editora Univille, 2009.

PARO, Vitor Henrique. **Reprovação escolar: renúncia à educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**./Philippe Perrenoud; trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PILLOTTO, Sílvia S. D.; ALVES, Maria Palmira C. **Avaliação em Educação: questões, tendências, modelos**. Joinville: Editora Univille, 2009.

RAMIRES, Jussara M. S. **A construção do portfólio de avaliação em uma Escola Municipal de Educação Infantil de São Paulo: um relato crítico**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ROLHEISER, Carol; BOWER Bárbara e STEVAHN, Laurie. **The Portfolio Organizer: succeeding with portfolios in your classroom**. (2000) Disponível em: [www.ascd.org/publications/books/2000/chapter1.html](http://www.ascd.org/publications/books/2000/chapter1.html)> Acesso em 15/03/2010.

SHORE, Elizabeth F.; GRACE, Cathy. **Manual de Portfolio: um guia passo a passo para professores**. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 2003.

ZIMMERMAN, Enid. Avaliação autêntica de estudantes de Arte no contexto de sua comunidade. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

Enviado em: 21-07-2011

Aceito em: 04-05-2012